

*Fr. Lourenço
da Ressurreição*



*A Prática da Presença
de Deus*

**FR. LOURENÇO DA
RESSURREIÇÃO**

A PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS

2002 Edition edited by Copyright (C) 2002 by Lightheart.

Tradução por IA (ChatGPT)
do texto em inglês
Project Gutenberg

ÍNDICE

Prefácio do Editor

CONVERSAS

Primeira conversa

Segunda conversa.

Terceira conversa

Quarta conversa

CARTAS

Primeira Carta

Segunda Carta

Terceira Carta

Quarta Carta

Quinta Carta

Sexta Carta

Sétima Carta

Oitava Carta

Nona Carta

Décima Carta

Décima primeira Carta

Décima segunda Carta

Décima terceira Carta

Décima quarta Carta

Décima quinta Carta

PREFÁCIO DO EDITOR

O Irmão Lourenço nasceu como Nicolas Herman por volta de 1610, em Herimenil, na Lorena, então um Ducado de França. Os registos do seu nascimento foram destruídos num incêndio na igreja paroquial durante a Guerra dos Trinta Anos, guerra essa em que combateu como jovem soldado. Foi também nessa guerra que sofreu uma lesão quase fatal no nervo ciático. Essa lesão deixou-o bastante incapacitado e com dores crónicas para o resto da vida. Os pormenores da sua juventude são escassos e pouco definidos. Contudo, sabemos que recebeu educação em casa e também do seu pároco, cujo nome próprio era Lourenço e que era grandemente admirado pelo jovem Nicolas. Era instruído e, desde cedo, foi atraído por uma vida espiritual de fé e de amor por Deus.

Sabemos também que, nos anos entre o fim abrupto das suas funções como soldado e a sua entrada na vida monástica, passou um período de tempo no deserto, vivendo como um dos primeiros padres do deserto. Além disso, antes de entrar no mosteiro — e talvez como preparação — trabalhou como funcionário público. No seu modo característico, simples e autodepreciativo, mencionou que fora “um criado que era desajeitado e partia tudo”.

Na meia-idade, entrou num mosteiro recém-fundado em Paris, onde se tornou cozinheiro da comunidade, que cresceu para mais de cem membros. Após quinze anos, as suas funções foram transferidas para a oficina de reparação de sandálias, mas, ainda assim, voltava muitas vezes à cozinha movimentada para ajudar.

Em tempos tão conturbados como os de hoje, o Irmão Lourenço descobriu e seguiu um caminho puro e simples para caminhar continuamente na presença de Deus. Durante cerca de quarenta anos, viveu e caminhou com o nosso Pai ao seu lado. No entanto, pelas suas próprias palavras, sabemos que os seus primeiros dez anos foram cheios de duras provações e desafios.

Homem bondoso e de espírito alegre, o Irmão Lourenço evitava a atenção e a ribalta, sabendo que as distrações exteriores “estragam tudo”. Só depois da sua morte é que algumas das suas cartas foram reunidas. Joseph de Beaufort, representante e conselheiro do arcebispo local, publicou primeiro as cartas num pequeno folheto. No ano seguinte, numa segunda publicação intitulada “A Prática da Presença de Deus”, de Beaufort incluiu, como material introdutório, o conteúdo de quatro conversas que tivera com o Irmão Lourenço.

Neste pequeno livro, através de cartas e conversas, o Irmão Lourenço explica, de forma simples e bela, como caminhar continuamente com Deus — não com a cabeça, mas com o coração. O Irmão Lourenço deixou-nos o dom de um modo de vida acessível a quem deseja conhecer a paz e a presença de Deus; um modo que qualquer pessoa, independentemente da idade ou das circunstâncias, pode praticar — em qualquer lugar, a qualquer momento. O Irmão Lourenço deixou também o dom de uma abordagem direta para viver na presença de Deus, tão prática hoje como era há trezentos anos.

O Irmão Lourenço morreu em 1691, depois de ter praticado a presença de Deus durante mais de quarenta anos. A sua morte tranquila foi muito semelhante à sua vida monástica, em que cada dia e cada hora eram um novo começo e um compromisso renovado de amar a Deus com todo o seu coração.

Editado por Lightheart em PracticeGodsPresence.com, outubro de 2002.



Nota desta edição em português — Em conversa com os jornalistas, no voo de regresso do Líbano para Roma, o Papa Leão XIV referiu-se a este livro: "É um livro muito simples, escrito há muitos anos ... Mas descreve um tipo de oração e espiritualidade onde simplesmente entregamos a nossa vida ao Senhor e permitimos que Ele nos guie". (Fonte: *Vatican News*).

Acrescentamos a notícia inserida em Vatican News de 19.12.2025:

«Publicamos o texto completo da introdução do Papa Leão XIV ao livro do frei carmelita Lorenzo, "A prática da presença de Deus", na nova edição da Livraria Editora Vaticana, lançada em 19 de dezembro. Este livro, de um religioso francês simples e humilde que viveu no século XVII, é um texto que, junto com outros, marcou a vida espiritual de Robert Prevost».

"Este pequeno livro concentra-se na experiência, ou melhor, na prática da presença de Deus, tal como vivida e ensinada pelo frei carmelita Lorenzo della Risurrezione, que viveu no século XVII. Como já mencionei, junto com os escritos de Santo Agostinho e outros livros, este é um dos textos que mais marcaram a minha vida espiritual e me formaram no caminho para conhecer e amar o Senhor."

"O caminho que frei Lorenzo nos indica é ao mesmo tempo simples e árduo: simples porque não exige nada mais do que a constante memória de Deus, com pequenos e contínuos atos de louvor, oração, súplica e adoração, em cada ação e pensamento, tendo-o somente como fonte e fim. Árduo porque exige um caminho de purificação, ascese, renúncia e conversão da parte mais íntima de nós, de nossas mentes e pensamentos, muito mais do que de nossas ações. Foi isso que São Paulo escreveu aos fiéis de Filipos: "Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo" (Filipenses 2, 5). Portanto, não apenas nossas atitudes e comportamentos devem ser conformados a Deus, mas também nossos próprios sentimentos, nosso próprio ser. Nessa interioridade encontramos a Sua presença, a presença amorosa e ardente de Deus, tão "outra" e, no entanto, tão familiar ao nosso coração. Como escreveu Santo Agostinho, "o homem novo cantará o cântico novo" (Discursos 34,1)."'

"A experiência de união com Deus, descrita nas páginas de frei Lorenzo como uma relação pessoal feita de encontros e colóquios, de momentos de refúgio e surpresas, de abandono confiante e total, evoca as experiências dos grandes místicos, especialmente Teresa de Ávila, que testemunhou essa familiaridade com o Senhor, a ponto de falar de um "Deus das panelas". No entanto, indica um caminho acessível a todos, justamente por ser simples e quotidiano".

"Como muitos místicos, frei Lorenzo fala com grande humildade, mas também com humor, pois sabe bem que toda coisa terrena, mesmo a mais

grandiosa e dramática, é bem pequena diante do amor infinito do Senhor. Assim, ele pode dizer ironicamente que Deus o "enganou", porque, tendo talvez entrado no mosteiro com certa presunção para se sacrificar e expiar severamente os pecados de sua juventude, encontrou, em vez disso, uma vida repleta de alegria".

"Ao longo do caminho que frei Lorenzo nos propõe, à medida que a presença de Deus se torna gradualmente familiar e ocupa nosso espaço interior, cresce a alegria de estar com Ele, as graças e riquezas espirituais florescem, e até mesmo as tarefas cotidianas se tornam fáceis e leves".

"Os escritos e testemunhos deste carmelita converso do século XVII, que atravessou com fé luminosa os turbulentos acontecimentos do seu século, certamente não menos violento que o nosso, podem também ser uma inspiração e um auxílio para a vida de nós, homens e mulheres do terceiro milênio. Mostram-nos que não existe circunstância que nos possa separar de Deus, que cada ação, cada ocupação e até mesmo cada erro nosso adquirem um valor infinito se forem vividos na presença de Deus, continuamente oferecidos a Ele".

"Toda a ética cristã pode ser resumida nesta constante memória da presença de Deus: Ele está aqui. Essa memória, que é mais do que uma simples recordação, pois envolve nossos sentimentos e afetos, ultrapassa todo moralismo e qualquer redução do Evangelho a um mero conjunto de regras, e nos mostra que, verdadeiramente, como Jesus nos prometeu, a experiência de nos entregarmos a Deus Pai já nos dá cem vezes mais aqui na terra. Confiar-nos à presença de Deus significa experimentar antecipadamente o Paraíso".

Cidade do Vaticano, 11 de dezembro de 2025

Leme PP. XIV

ÍNDICE

CONVERSAS

INTRODUÇÃO

No tempo das entrevistas de Beaufort, o Irmão Lourenço estava na casa dos cinquenta. Joseph de Beaufort comentou mais tarde que o irmão, já então debilitado e responsável pela manutenção de mais de uma centena de pares de sandálias, era «rude na aparência, mas suave na graça».

ÍNDICE

PRIMEIRA CONVERSA

A primeira vez que vi o Irmão Lourenço foi a 3 de agosto de 1666. Disse-me que Deus lhe tinha concedido um favor singular na sua conversão aos dezoito anos. Durante esse inverno, ao ver uma árvore despida das suas folhas e ao considerar que, passado pouco tempo, as folhas voltariam, seguidas das flores e dos frutos, o Irmão Lourenço recebeu uma visão elevada da Providência e do Poder de Deus, que nunca mais se apagou da sua alma. Essa visão libertou-o completamente do mundo e acendeu nele um amor por Deus que, dizia ele, não sabia se tinha aumentado nos quarenta anos que viveu desde então.

O Irmão Lourenço disse que tinha sido lacaio de M. Fieubert, o tesoureiro, e que era um sujeito muito desajeitado, que partia tudo. Decidiu finalmente entrar num mosteiro, pensando que ali seria castigado pelo seu desajeitamento e pelas faltas que cometesse, e assim sacrificaria a Deus a sua vida com os seus prazeres. Mas o Irmão Lourenço dizia que Deus o surpreendera, pois nada encontrara naquele estado senão satisfação.

O Irmão Lourenço relatou que devemos estabelecer-nos num sentido da Presença de Deus, conversando continuamente com Ele. Era vergonhoso abandonar essa conversa para pensar em ninharias e frivolidades. Devíamos alimentar e nutrir as nossas almas com elevadas noções de Deus, o que nos daria grande alegria em Lhe sermos devotos.

Disse que deveríamos avivar e animar a nossa fé. Era lamentável termos tão pouca. Em vez de tomarem a fé como regra de conduta, os homens entretinham-se com devoções triviais que mudavam todos os dias. Afirmou que a fé era suficiente para nos conduzir a um alto grau de perfeição. Devíamos entregar-nos totalmente a Deus, tanto nas coisas temporais como nas espirituais, e procurar a nossa satisfação apenas no cumprimento da Sua vontade. Quer Deus nos conduzisse pelo sofrimento ou pela consolação, tudo seria igual para uma alma verdadeiramente resignada.

Disse que precisávamos de fidelidade nesses momentos de interrupção, no fluxo e refluxo da oração, quando Deus prova o nosso amor por Ele.

Esse era o momento de um ato completo de resignação, e um único ato desses bastaria para promover grandemente o nosso progresso espiritual.

Acrescentou que, no que dizia respeito às misérias e pecados que ouvia diariamente pelo mundo, ele estava longe de se espantar; pelo contrário, surpreendia-se que não fossem ainda mais, considerando a malícia de que os pecadores são capazes. Quanto a ele, rezava por todos, mas, sabendo que Deus podia remediar o mal que faziam quando Lhe aprouvesse, não se inquietava mais com isso.

O Irmão Lourenço disse que, para alcançarmos a resignação que Deus exige, devemos vigiar atentamente todas as paixões que se misturam tanto nas coisas espirituais como nas temporais. Deus daria luz sobre essas paixões àqueles que desejassem verdadeiramente servi-Lo.

No final desta primeira conversa, o Irmão Lourenço disse que, se o propósito da minha visita era conversar com sinceridade sobre como servir a Deus, eu poderia procurá-lo sempre que quisesse e sem receio de o incomodar. Se assim não fosse, então não deveria voltar a visitá-lo.

ÍNDICE

SEGUNDA CONVERSA

O Irmão Lourenço disse-me que sempre tinha sido governado pelo amor, sem intenções egoísticas. Desde que decidiu fazer do amor de Deus o fim de todas as suas ações, encontrou razões para estar plenamente satisfeito com esse método. Ficava contente quando podia apanhar uma simples palhinha do chão por amor de Deus, procurando-O apenas a Ele, e nada mais, nem sequer os Seus dons.

Contou que durante muito tempo estivera profundamente angustiado pela convicção de que estava destinado à condenação. Nenhum homem no mundo o poderia ter persuadido do contrário. Esse tormento interior durou quatro anos, durante os quais sofreu imensamente.

Finalmente, raciocinou assim: Não entrei na vida religiosa senão por amor de Deus. Tenho-me esforçado por agir somente por Ele. Aconteça o que acontecer — quer me perca, quer me salve — continuarei sempre a agir puramente por amor de Deus. Pelo menos terei isto de bom: até à morte terei feito tudo o que estava ao meu alcance para O amar. A partir desse momento, o Irmão Lourenço viveu em perfeita liberdade e alegria contínua. Colocava os seus pecados entre si e Deus, para Lhe dizer que não merecia as Suas graças, e, no entanto, Deus continuava a concedê-las em abundância.

O Irmão Lourenço disse que, para formar o hábito de conversar continuamente com Deus e de Lhe referir tudo o que fazemos, devemos, de início, recorrer a Ele com alguma diligência. Depois, com um pouco de cuidado, descobriríamos que o Seu amor nos impulsionaria interiormente a isso, sem qualquer dificuldade.

Esperava que, depois dos dias agradáveis que Deus lhe tinha concedido, chegasse a sua vez de dor e sofrimento. Contudo, isso não o inquietava. Sabia que, não podendo fazer nada por si mesmo, Deus não deixaria de lhe dar a força necessária para os suportar.

Quando surgia uma ocasião de praticar alguma virtude, dirigia-se a Deus dizendo: «Senhor, não posso fazer isto se Vós não me derdes forças.» E então recebia força mais do que suficiente. Quando falhava no

cumprimento do seu dever, confessava simplesmente a sua falta, dizendo a Deus: «Nunca farei de outra maneira, se me deixardes entregue a mim mesmo. Sois Vós que deveis impedir que eu caia e emendar o que está mal.» Depois disto, não se inquietava mais.

O Irmão Lourenço dizia que devíamos agir com Deus na maior simplicidade, falando-Lhe com franqueza e clareza, e implorando a Sua ajuda nos nossos assuntos, tal como eles acontecem. Deus nunca deixava de conceder, como o Irmão Lourenço muitas vezes experimentara.

Contou que tinha sido recentemente enviado a Borgonha para comprar o abastecimento de vinho para a comunidade. Esta tarefa era-lhe muito desagradável, porque não tinha jeito nenhum para negócios e porque era coxo, não podendo deslocar-se pelo barco senão rolando sobre os barris. No entanto, não se inquietou nem com isso, nem com a compra do vinho. Disse a Deus que estava a tratar de um assunto que Lhe pertencia, e depois constatou que tudo tinha corrido muito bem. Referiu que o mesmo acontecera no ano anterior, quando fora enviado a Auvérnia.

Assim também nos seus trabalhos na cozinha (pelos quais tinha naturalmente grande aversão), tendo-se habituado a fazer ali tudo por amor de Deus e pedindo a Sua graça para realizar bem o seu trabalho, achava tudo fácil durante os quinze anos em que ali estivera destacado. Estava muito satisfeito com o cargo que agora ocupava. Contudo, estava tão pronto a deixar esse como o anterior, pois esforçava-se por agradar a Deus realizando pequenas coisas por amor d'Ele, em qualquer tarefa que executasse. Para ele, os tempos fixos de oração não eram diferentes dos outros. Retirava-se para rezar conforme as ordens do seu superior, mas não necessitava dessa retirada nem a pedia, porque os seus maiores afazeres não o desviavam de Deus.

Sabendo que tinha a obrigação de amar Deus em todas as coisas e procurando fazê-lo, não necessitava de diretor espiritual que o aconselhasse, mas precisava muito de um confessor que o absolvesse. Dizia que era bem consciente das suas faltas, mas não se deixava desanimar por elas. Confessava-as a Deus sem apresentar desculpas, e depois retomava tranquilamente a sua prática habitual de amor e adoração.

Na sua angústia interior, o Irmão Lourenço não consultara ninguém. Sabendo apenas, pela luz da fé, que Deus estava presente, contentava-se em dirigir-Lhe todas as suas ações. Fazia tudo com o desejo de Lhe agradar e deixava que acontecesse o que tivesse de acontecer.

Dizia que os pensamentos inúteis estragam tudo — é aí que começa o mal. Devíamos rejeitá-los logo que percebêssemos a sua impertinência e voltar à nossa comunhão com Deus. No início, ele passava muitas vezes o tempo destinado à oração a rejeitar pensamentos dispersos e a recair logo neles. Nunca conseguiu regular a sua devoção por certos métodos, como alguns fazem. No entanto, ao princípio meditara durante algum tempo, mas depois isso desaparecera de um modo que ele não saberia explicar. O Irmão Lourenço insistia que todas as mortificações corporais e outros exercícios são inúteis se não servirem para alcançar a união com Deus pelo amor. Tinha refletido bem sobre isso. Descobrira que o caminho mais curto para ir diretamente a Deus era o exercício contínuo do amor e fazer todas as coisas por Sua causa.

Observou que havia uma grande diferença entre os atos do intelecto e os atos da vontade. Os atos do intelecto tinham um valor comparativamente pequeno. Os atos da vontade eram absolutamente essenciais. O nosso único intuito era amar e encontrar a nossa alegria em Deus. Todos os possíveis tipos de mortificação, se fossem desprovidos do amor de Deus, não poderiam apagar um único pecado. Pelo contrário, devíamos, sem ansiedade, esperar o perdão dos nossos pecados apenas do sangue de Jesus Cristo, esforçando-nos por amá-Lo de todo o coração. E notava que Deus parecia ter concedido os maiores favores aos maiores pecadores, como formas ainda mais evidentes da Sua misericórdia.

O Irmão Lourenço dizia que as maiores dores ou prazeres deste mundo não se podiam comparar com o que ele tinha experimentado de ambos os géneros em estado espiritual. Por isso nada temia, desejando apenas uma coisa de Deus: que não O offendesse. Dizia que não permanecia na culpa. «Quando falho no meu dever, reconheço-o prontamente, dizendo: estou habituado a fazê-lo; nunca farei de outra maneira se for deixado entregue a mim mesmo. Se não falho, dou graças a Deus, reconhecendo que isso vem d'Ele.»

ÍNDICE

TERCEIRA CONVERSA

O Irmão Lourenço disse-me que o fundamento da vida espiritual nele tinha sido uma noção elevada e uma profunda estima de Deus na fé. Uma vez que estabelecera firmemente a sua fé, não tinha outro cuidado senão rejeitar qualquer pensamento estranho, para poder realizar todas as suas ações por amor de Deus. Dizia que, quando acontecia passar algum tempo sem pensar em Deus, não se inquietava com isso. Reconhecendo diante de Deus a sua miséria, retornava simplesmente para Ele ainda com maior confiança.

Dizia que a confiança que depositamos em Deus O honra muito e atrai grandes graças. Além disso, era impossível não só que Deus enganasse, mas também que deixasse por muito tempo sofrer uma alma perfeitamente resignada a Ele e resolvida a suportar tudo por Sua causa.

O Irmão Lourenço experimentava frequentemente os socorros imediatos da Graça Divina. E, devido a essa experiência, quando tinha algum trabalho a fazer, não pensava nele com antecedência. Quando chegava o momento de o realizar, encontrava em Deus, como num espelho límpido, tudo o que era adequado fazer. Quando os afazeres exteriores o desviavam um pouco do pensamento de Deus, uma nova lembrança vinda d'Ele invadia a sua alma, inflamando-a e arrebatando-a de tal modo que lhe era difícil conter-se. Dizia que estava mais unido a Deus nos seus trabalhos exteriores do que quando se retirava para a devoção.

O Irmão Lourenço dizia que o pior que lhe podia acontecer era perder o sentido de Deus que durante tanto tempo tinha experimentado. Contudo, a bondade de Deus assegurava-lhe que Ele não o abandonaria totalmente e que lhe daria força para suportar qualquer mal que permitisse acontecer-lhe. Por isso, o Irmão Lourenço dizia que nada temia. Não tinha necessidade de consultar ninguém sobre o seu estado. No passado, quando tentara fazê-lo, sempre saíra mais perplexo. Como o Irmão Lourenço estava disposto a dar a sua vida por amor de Deus, não tinha qualquer receio do perigo.

Dizia que a perfeita entrega a Deus era um caminho seguro para o céu, um caminho no qual temos sempre luz suficiente para orientar a nossa

conduta. No início da vida espiritual devemos ser fiéis no cumprimento do nosso dever e na renúncia a nós mesmos e, depois de algum tempo, seguem-se prazeres indizíveis. Nas dificuldades, precisamos apenas de recorrer a Jesus Cristo e pedir a Sua graça, com a qual tudo se torna fácil.

O Irmão Lourenço dizia que muitos não progridem na vida cristã porque ficam presos a penitências e exercícios particulares, enquanto negligenciam o amor de Deus, que é o fim de tudo. Isto manifestava-se claramente nas suas obras e era a razão por que se via tão pouca virtude sólida. Afirmava que não eram necessárias nem arte nem ciência para ir para Deus, mas apenas um coração resolutamente determinado a aplicar-se unicamente a Ele e a amá-Lo somente.

ÍNDICE

QUARTA CONVERSA

O Irmão Lourenço falou-me com grande abertura de coração acerca da sua maneira de se unir a Deus, da qual já relatei uma parte. Disse-me que tudo consistia numa renúncia sincera a tudo aquilo que percebemos não nos conduzir a Deus. Podemos habituar-nos a uma conversação contínua com Ele, com liberdade e simplicidade. Basta reconhecermos que Deus está intimamente presente em nós e dirigir-nos a Ele a cada momento. Devemos pedir a Sua ajuda para conhecer a Sua vontade nas coisas duvidosas e para cumprir corretamente aquelas que vemos claramente que Ele exige de nós, oferecendo-Lhe essas ações antes de as realizarmos e dando-Lhe graças quando as tivermos concluído.

Na nossa conversa com Deus devemos também empenhar-nos em O louvar, adorar e amar incessantemente pela Sua infinita bondade e perfeição. Sem nos deixarmos desanimar pelos nossos pecados, devemos pedir a Sua graça com perfeita confiança, apoiando-nos nos infinitos méritos do nosso Senhor. O Irmão Lourenço dizia que Deus nunca deixava de nos oferecer a Sua graça em cada ação. Ela só falhava quando os seus pensamentos se afastavam do sentido da Presença de Deus ou quando se esquecia de pedir a Sua ajuda. Acrescentava que Deus sempre nos iluminava nas dúvidas, quando não tínhamos outro objetivo senão agradar-Lhe.

A nossa santificação não dependia de mudar as nossas obras, mas de fazer por amor de Deus aquilo que habitualmente fazemos por nós mesmos. Considerava lamentável ver tantas pessoas confundirem os meios com o fim, entregando-se a certos exercícios que realizavam muito imperfeitamente por motivos humanos ou interesses egoístas. O método mais excelente que encontrara para ir para Deus era fazer os trabalhos comuns sem qualquer intenção de agradar aos homens, mas puramente por amor de Deus.

O Irmão Lourenço entendia ser uma grande ilusão pensar que os tempos de oração deviam diferir dos outros tempos. Somos tão estreitamente obrigados a unir-nos a Deus pela ação, no tempo da ação, como pela oração, no tempo da oração. A sua própria oração não era outra coisa senão um

sentido da presença de Deus, estando a sua alma então insensível a tudo exceto ao Amor Divino. Quando o tempo fixado para a oração passava, ele não sentia diferença, porque continuava com Deus, louvando-O e bendizendo-O com todas as suas forças.

Assim passou a sua vida em alegria contínua. Contudo, esperava que Deus lhe desse algo a sofrer quando estivesse mais forte.

O Irmão Lourenço dizia que devíamos, de uma vez por todas, colocar toda a nossa confiança em Deus e entregar-nos totalmente a Ele, certos de que Ele não nos enganaria. Não devíamos cansar-nos de fazer pequenas coisas por amor de Deus, que não atende à grandeza da obra, mas ao amor com que ela é realizada. Não deveríamos estranhar se, no início, falhássemos muitas vezes nos nossos esforços; mas, por fim, adquiriríamos um hábito que produziria esses atos em nós de forma natural, sem esforço, e com imensa consolação.

A substância inteira da religião era a fé, a esperança e a caridade. Na prática destas virtudes tornamo-nos unidos à vontade de Deus. Tudo o mais é indiferente e deve ser usado como meio para alcançarmos o nosso fim, onde será então absorvido pela fé e pela caridade. Todas as coisas são possíveis ao que crê. São menos difíceis para o que espera. São mais fáceis para o que ama, e ainda mais fáceis para o que persevera na prática destas três virtudes. O fim que nos devemos propor é tornar-nos, nesta vida, os mais perfeitos adoradores de Deus que possamos ser, como esperamos ser por toda a eternidade.

Devemos, de tempos a tempos, considerar-nos honestamente e examinar-nos a fundo. Então perceberemos que somos dignos de grande desprezo. O Irmão Lourenço observava que, quando nos confrontamos diretamente desta maneira, compreendemos por que razão estamos sujeitos a todo o tipo de misérias e problemas. Percebemos por que sofremos mudanças e flutuações na saúde, no estado de espírito e nas disposições. E chegamos realmente a reconhecer que merecemos todas as dores e trabalhos que Deus envia para nos humilhar.

Depois disto, não devemos admirar-nos de que nos aconteçam dificuldades, tentações, oposições e contradições por parte dos homens.

Pelo contrário, devemos submeter-nos a elas e suportá-las enquanto Deus quiser, como coisas altamente vantajosas para nós. Quanto maior perfeição uma alma deseja alcançar, mais dependente está da Graça Divina.

Questionado por um dos membros da sua comunidade (a quem era obrigado a abrir-se) sobre os meios pelos quais tinha alcançado um senso habitual da Presença de Deus, o Irmão Lourenço disse-lhe que, desde a sua chegada ao mosteiro, considerara Deus como o fim de todos os seus pensamentos e desejos, como a meta para a qual tudo devia tender e na qual tudo devia terminar.

Observou que, no início do seu noviciado, passava as horas destinadas à oração privada a pensar em Deus, de modo a convencer a sua mente e a gravar profundamente no seu coração a existência divina. Fazia-o por meio de sentimentos devotos e da submissão às luzes da fé, mais do que por raciocínios estudados ou meditações elaboradas. Por este método simples e seguro, exercitava-se no conhecimento e amor de Deus, decidindo empregar o máximo dos seus esforços para viver num sentido contínuo da Sua Presença e, se possível, nunca mais O esquecer.

Quando, assim, na oração, tinha enchido a sua mente com grandes sentimentos daquele Ser Infinito, ia depois para o trabalho que lhe estava designado na cozinha (pois era então o cozinheiro da comunidade). Aí, tendo primeiro considerado cuidadosamente as coisas que o seu ofício exigia, e quando e como cada uma devia ser feita, passava todos os intervalos do seu tempo, tanto antes como depois do trabalho, em oração.

Quando iniciava a sua tarefa, dizia a Deus, com uma confiança filial n'Ele: «Ó meu Deus, já que estais comigo, e devo agora, por obediência aos Vossos mandamentos, aplicar o meu espírito a estas coisas exteriores, suplico-Vos que me concedais a graça de permanecer na Vossa Presença; e, para isso, favorecei-me com a Vossa assistência. Recebei todas as minhas obras e possuí todas as minhas afeições.» À medida que prosseguia no seu trabalho, continuava a sua conversa familiar com o Criador, implorando a Sua graça e oferecendo-Lhe todas as suas ações.

Quando terminava, examinava-se para ver como tinha cumprido o seu dever. Se o encontrava bem, dava graças a Deus. Se não, pedia perdão e,

sem se deixar desanimar, corrigia de novo a sua intenção. Depois continuava o seu exercício da presença de Deus como se nunca se tivesse afastado d'Ele. «Assim», dizia ele, «erguendo-me após as minhas quedas e renovando frequentemente os atos de fé e amor, cheguei a um estado em que me seria tão difícil não pensar em Deus como, no início, me foi difícil habituar-me a isso.»

Como o Irmão Lourenço tinha encontrado tão grande vantagem em caminhar na presença de Deus, era natural que o recomendasse com insistência aos outros. Mais ainda, o seu exemplo era um incentivo mais forte do que quaisquer argumentos que pudesse apresentar. O seu próprio semblante era edificante, manifestando tal docura e calma devota que não podia deixar de impressionar quem o observasse.

Observava-se que, mesmo na maior azáfama da cozinha, ele conservava o seu recolhimento e espírito voltado para o Céu. Nunca era precipitado nem negligente, mas fazia cada coisa a seu tempo, com uma disposição e tranquilidade de espírito constantes e ininterruptas. «O tempo de trabalho», dizia ele, «não difere para mim do tempo de oração. No ruído e tumulto da minha cozinha, enquanto várias pessoas chamam ao mesmo tempo por coisas diferentes, posso Deus com tanta tranquilidade como se estivesse de joelhos na Sagrada Ceia.»

ÍNDICE

CARTAS

INTRODUÇÃO

As cartas do Irmão Lourenço são o verdadeiro coração e alma do que se intitula *A Prática da Presença de Deus*. Todas estas cartas foram escritas durante os últimos dez anos da sua vida. Muitas delas destinavam-se a amigos de longa data: uma irmã carmelita e uma irmã de um convento próximo. Uma ou ambas eram da sua aldeia natal, talvez até parentes.

A primeira carta foi provavelmente escrita à prioresa de um desses conventos. A segunda carta foi escrita ao diretor espiritual do Irmão Lourenço. Note-se que a quarta carta está escrita na terceira pessoa, onde o Irmão Lourenço descreve a sua própria experiência. As cartas seguem a tradição de substituir nomes específicos por «M...».

ÍNDICE

PRIMEIRA CARTA

Desejáveis tão ardenteamente que eu descrevesse o método pelo qual cheguei a esse sentido habitual da presença de Deus que o nosso misericordioso Senhor Se dignou conceder-me. Estou a corresponder ao vosso pedido, pedindo-vos, porém, que não mostreis esta carta a ninguém. Se soubesse que a iríeis divulgar, nem todo o desejo que tenho pelo vosso progresso espiritual seria suficiente para me levar a atender ao vosso pedido.

A explicação que vos posso dar é esta: Tendo encontrado em muitos livros diferentes métodos de ir para Deus e diversas práticas de vida espiritual, pensei que isso serviria mais para me confundir do que para facilitar aquilo que eu procurava — que não era senão tornar-me totalmente de Deus. Isto levou-me a decidir dar o Tudo pelo tudo. Depois de me entregar completamente a Deus, para fazer toda a reparação que pudesse pelos meus pecados, renunciei, por amor d'Ele, a tudo o que não fosse Ele, e comecei a viver como se não houvesse no mundo senão Ele e eu.

Por vezes considerava-me diante d'Ele como um pobre criminoso aos pés do seu juiz. Outras vezes contemplava-O no meu coração como meu Pai, como meu Deus. Adorava-O o mais frequentemente que podia, mantendo o meu espírito na Sua santa presença e chamando-o de volta sempre que o encontrava disperso. Fiz disto o meu principal empenho, não apenas nos tempos marcados para a oração, mas todo o tempo; a cada hora, a cada minuto, até no auge do meu trabalho, afastava da mente tudo o que interrompesse o meu pensamento em Deus.

Este exercício dava-me não pouca dor. Contudo, continuei, apesar de todas as dificuldades que surgiam. E procurava não me perturbar nem inquietar quando o meu espírito se dispersava. Esta tem sido a minha prática habitual desde que entrei na vida religiosa. Embora a tenha desempenhado de modo muito imperfeito, encontrei nela grandes vantagens. Estas, bem o sei, devem ser atribuídas à misericórdia e à bondade de Deus, pois nada podemos fazer sem Ele — e eu menos do que qualquer outro.

Quando somos fiéis em conservar-nos na Sua santa presença e em tê-l'O sempre diante de nós, isso impede que O ofendamos ou façamos algo que Lhe desgrade. Também gera em nós uma santa liberdade e, se assim posso dizer, uma familiaridade com Deus, pela qual, quando pedimos, Ele nos concede as graças de que necessitamos. Com o tempo, repetindo frequentemente estes atos, eles tornam-se habituais e a presença de Deus torna-se algo de muito natural para nós.

Por favor, dai-Lhe graças comigo pela Sua grande bondade para comigo, que nunca poderei expressar suficientemente, e pelos muitos favores que fez a um pecador tão miserável como eu. Que todas as coisas O louvem. Ámen.

ÍNDICE

SEGUNDA CARTA

Não encontrando descrito nos livros o meu modo de vida — embora isso não me cause dificuldade —, gostaria contudo, para minha segurança, de conhecer a vossa opinião sobre ele.

Numa conversa, há alguns dias, uma pessoa devota disse-me que a vida espiritual era uma vida de graça, que começa com o temor servil, aumenta com a esperança da vida eterna e se consuma no amor puro; que cada um destes estados tem os seus diversos graus, pelos quais se chega finalmente àquela bendita consumação.

Eu não segui de modo algum esses métodos. Pelo contrário, senti instintivamente que me desencorajariam. Em vez disso, ao entrar na vida religiosa, tomei a resolução de me entregar totalmente a Deus, como a melhor satisfação que podia dar pelos meus pecados e, por amor d'Ele, renunciar a todo o resto.

Nos primeiros anos, ocupava-me normalmente, durante o tempo destinado à devoção, com pensamentos sobre a morte, o juízo, o inferno, o céu e os meus pecados. Assim continuei durante alguns anos, aplicando cuidadosamente o meu espírito, no restante do dia e até no meio do trabalho, à presença de Deus, que considerava sempre comigo, muitas vezes no meu coração.

Acabei por começar a fazer o mesmo durante o tempo reservado à oração, o que me dava alegria e consolação. Esta prática produziu em mim uma estima tão elevada de Deus que a fé, por si só, era suficiente para me dar plena segurança.

Tal foi o meu começo. Porém, devo dizer-vos que, durante os primeiros dez anos, sofri imenso. Nesse tempo, caía muitas vezes e logo me levantava. Parecia-me que todas as criaturas, a razão e o próprio Deus estavam contra mim, e só a fé a meu favor.

A apreensão de não estar dedicado a Deus como desejava, os meus pecados passados sempre presentes no espírito, e os grandes favores imerecidos que Deus me concedia eram a fonte dos meus sofrimentos e do

meu sentimento de indignidade. Por vezes era inquietado pelo pensamento de que acreditar ter recebido tais graças era fruto da imaginação, que pretendia chegar tão depressa onde outros chegam com grande dificuldade. Outras vezes julgava que era uma ilusão voluntária e que não havia realmente esperança para mim.

Por fim, considerei a perspetiva de passar o resto dos meus dias nesses tormentos. Descobri que isso não diminuía em nada a confiança que tinha em Deus; pelo contrário, só servia para aumentar a minha fé. Então pareceu-me que, de repente, me encontrava transformado. A minha alma, que até então estivera atormentada, sentiu uma paz interior profunda, como se estivesse no seu centro e lugar de descanso.

Desde esse tempo caminho diante de Deus com simplicidade, fé, humildade e amor. Esforço-me diligentemente por nada fazer ou pensar que Lhe possa desagradar. Espero que, quando tiver feito o que posso, Ele fará comigo o que Lhe aprouver.

Quanto ao que se passa em mim atualmente, não o consigo exprimir. Não tenho dor nem dificuldade quanto ao meu estado, porque não tenho outra vontade senão a de Deus. Procuro cumprir a Sua vontade em todas as coisas. E estou tão resignado que não apanharia uma palhinha do chão contra a Sua ordem, ou por qualquer outro motivo que não fosse o puro amor por Ele.

Deixei todas as formas de devoção e orações fixas, exceto aquelas que o meu estado requer. Faço da perseverança na Sua santa presença a minha prioridade, mantendo aí uma atenção simples e um afeto terno por Deus, que posso chamar uma presença atual de Deus. Ou, dito de outra maneira, é uma conversação habitual, silenciosa e íntima da alma com Deus. Isto dá-me grande alegria e contentamento. Em suma, estou certo, sem sombra de dúvida, de que a minha alma tem estado com Deus ao longo destes últimos trinta anos. Passo por cima de muitas coisas para não vos ser enfadonho.

Contudo, julgo adequado dizer-vos como me perceciono diante de Deus, a quem contemplo como o meu Rei. Considero-me o mais miserável dos homens. Estou cheio de faltas, falhas e fraquezas e cometí toda a espécie de crimes contra este Rei. Tocado por um arrependimento sensível,

confesso-Lhe toda a minha maldade. Peço-Lhe perdão. Abandono-me nas Suas mãos para que faça de mim o que Lhe aprouver.

O meu Rei é cheio de misericórdia e bondade. Longe de me castigar, Ele abraça-me com amor. Faz-me comer à Sua mesa. Serve-me com as Suas próprias mãos e dá-me a chave dos Seus tesouros. Conversa e deleita-Se comigo incessantemente, de mil e mil maneiras. E trata-me em tudo como Seu predileto. É assim que me considero continuamente na Sua santa presença.

O meu método mais habitual é esta atenção simples, este olhar afetuoso para Deus, ao qual me sinto muitas vezes unido com maior doçura e delícia do que a de um bebé ao seio da mãe. Para escolher uma expressão, chamaria a este estado o seio de Deus, pela doçura inefável que aí saboreio e experimento. Se, por vezes, os meus pensamentos se afastam deste estado, por necessidade ou fraqueza, logo sou reconduzido por movimentos interiores tão encantadores e deliciosos que não encontro palavras para os descrever. Peço-vos que considereis a minha grande miséria, da qual estais plenamente informado, mais do que os grandes favores que Deus concede a alguém tão indigno e ingrato como eu.

Quanto às minhas horas fixas de oração, são simplesmente uma continuação do mesmo exercício. Por vezes considero-me como uma pedra diante do escultor, da qual Ele há de fazer uma estátua. Apresentando-me assim diante de Deus, desejo que Ele forme em minha alma a Sua imagem perfeita e me torne inteiramente semelhante a Si. Outras vezes, quando me aplico à oração, sinto todo o meu espírito elevar-se sem qualquer esforço da minha parte. Isto prolonga-se muitas vezes como se estivesse suspenso, e contudo firmemente fixado em Deus, como num centro ou lugar de descanso.

Sei que alguns acusam este estado de inatividade, ilusão e amor-próprio. Confesso que é uma santa inatividade. E seria um feliz amor-próprio se a alma, nesse estado, fosse capaz dele. Mas, enquanto a alma está neste repouso, não pode ser perturbada pelas coisas às quais anteriormente estava habituada. As coisas de que a alma antes dependia, agora apenas a impediriam, em vez de a ajudarem.

No entanto, não consigo ver como isto poderia ser chamado imaginação ou ilusão, porque a alma que goza de Deus desta maneira nada deseja senão a Ele. Se isto é ilusão, então só Deus a pode remediar. Que Ele faça de mim o que Lhe aprouver. Eu deseo apenas a Ele e ser-Lhe totalmente dedicado.

Rogo-vos que me envieis a vossa opinião, pois muito a estimo e tenho por vossa reverência uma consideração singular. Sou, de coração, vosso.

ÍNDICE

TERCEIRA CARTA

Temos um Deus infinitamente misericordioso e que conhece todas as nossas necessidades. Sempre pensei que Ele vos levaria ao extremo. Ele virá no Seu próprio tempo e quando menos o esperardes. Esperai n'Ele mais do que nunca. Agradecei-Lhe comigo pelos favores que vos faz, particularmente pela fortaleza e paciência que vos concede nas vossas aflições. É um sinal claro do cuidado que Ele tem por vós. Consolai-vos n'Ele e dai-Lhe graças por tudo.

Admiro igualmente a fortaleza e a coragem de M.... Deus deu-lhe uma boa disposição e uma boa vontade; mas ele ainda é um pouco mundano e algo imaturo. Espero que a aflição que Deus lhe enviou o leve a alguma reflexão e exame interior, e que venha a ser para ele um remédio salutar. É uma oportunidade para pôr toda a sua confiança em Deus, que o acompanha em toda a parte. Que pense n'Ele o mais que puder, especialmente em tempos de grande perigo.

Um ligeiro elevar do coração e uma lembrança de Deus bastam. Um único ato de adoração interior, mesmo em plena marcha com a espada na mão, é uma oração que, por muito breve que seja, é todavia muito agradável a Deus. E, longe de diminuir a coragem de um soldado em ocasiões de perigo, estes atos servem antes para a fortalecer. Que ele pense em Deus tantas vezes quanto possível. Que se habitue, pouco a pouco, a este pequeno mas santo exercício. Ninguém o vê, e nada é mais fácil do que repetir estas pequenas adorações interiores ao longo do dia.

Recomendai-lhe, por favor, que pense em Deus o mais que puder deste modo. É algo muito conveniente e absolutamente necessário para um soldado, que diariamente enfrenta perigos para a sua vida e muitas vezes para a sua própria salvação.

Espero que Deus o assista a ele e a toda a família, à qual envio as minhas saudações, sendo sempre vosso e deles.

ÍNDICE

QUARTA CARTA

Aproveito esta oportunidade para vos falar dos sentimentos de um dos nossos irmãos acerca dos admiráveis efeitos e da assistência contínua que recebe da presença de Deus. Que ambos possamos aproveitar estes frutos.

Durante os últimos quarenta anos, o seu cuidado constante tem sido o de estar sempre com Deus; e de nada fazer, nada dizer e nada pensar que Lhe possa desagradar. Faz isto sem qualquer outro fim ou motivo senão o puro amor de Deus, e porque Deus merece infinitamente mais.

Está agora tão habituado a essa presença divina que dela recebe contínuo conforto e paz. Há cerca de trinta anos que a sua alma está cheia de uma alegria e deleite tão constantes, e às vezes tão grandes, que ele é obrigado a encontrar maneiras de ocultar exteriormente esses sinais, para que não sejam mal interpretados por quem não os poderia compreender.

Se por vezes ele se distrai um pouco dessa presença divina, Deus recorda-lha suavemente, despertando a sua alma. Isto acontece frequentemente quando ele está mais empenhado nas suas tarefas e afazeres exteriores. Ele corresponde com total fidelidade a estes apelos interiores, seja elevando o coração para Deus, seja dirigindo-Lhe um olhar manso e afetuoso, seja pronunciando palavras que o amor lhe inspira nesses momentos. Por exemplo, pode dizer: «Meu Deus, eis-me aqui todo consagrado a Vós» ou «Senhor, fazei-me segundo o Vosso Coração».

Parece-lhe (e de facto sente-o) que este Deus de amor, satisfeito com tão poucas palavras, repousa novamente no fundo e no centro da sua alma. A experiência destas coisas dá-lhe tal certeza de que Deus está sempre na parte mais íntima da alma que ele não pode duvidar disso em circunstância alguma.

Julgai, por isto, o contentamento e a satisfação de que ele goza. Encontrando continuamente dentro de si um tesouro tão grande, já não tem necessidade de o procurar. Não tem qualquer ansiedade em encontrá-lo, pois tem agora diante de si esse belo tesouro sempre aberto, podendo tomar dele quanto quiser.

Aponta muitas vezes a nossa cegueira e exclama que é digna de compaixão a situação daqueles que se contentam com tão pouco. Deus, diz ele, tem tesouros infinitos para conceder, e nós recebemos tão pouco através de práticas rotineiras de devoção que duram apenas um instante. Cegos como somos, impedimos Deus e travamos o curso das Suas graças. Mas quando Ele encontra uma alma penetrada de fé viva, derrama nela abundantemente as Suas graças e favores. Elas correm como uma torrente que, depois de ter sido violentamente retida contra o seu curso natural, ao encontrar passagem se espalha com impetuosidade e abundância.

No entanto, muitas vezes detemos essa torrente pelo pouco valor que lhe damos. Não a detenhamos mais. Entremos dentro de nós e derrubemos o dique que a impede. Abramos caminho à graça. Resgatemos o tempo perdido, pois talvez nos reste pouco. A morte segue-nos de perto; preparemo-nos bem para ela. Só morremos uma vez, e um erro aí é irreparável.

Torno a dizer: entremos em nós mesmos. O tempo urge. Não há espaço para demora. Está em jogo a nossa alma. Parece-me que estais preparado e que tomastes medidas eficazes para não serdes apanhado de surpresa. Louvo-vos por isso. É a única coisa necessária. Devemos trabalhar nela continuamente, pois não perseverar na vida espiritual é recuar. Mas aqueles que têm o sopro do Espírito Santo avançam mesmo enquanto dormem. Se o navio da nossa alma continua a ser agitado por ventos e tempestades, acordemos o Senhor que repousa nele. Ele acalmará rapidamente o mar.

Tomei a liberdade de vos comunicar estes bons sentimentos para que os possais comparar com os vossos. Que eles sirvam para os reacender, caso alguma vez tenham arrefecido, ainda que um pouco. Recordemos os nossos primeiros favores e recordemos as primeiras alegrias e consolações. E aproveitemos o exemplo e os sentimentos deste irmão, pouco conhecido do mundo, mas conhecido e extremamente acarinhado por Deus.

Rezarei por vós. Por favor, rezai também por mim, que sou vosso no Senhor.

ÍNDICE

QUINTA CARTA

Hoje recebi dois livros e uma carta da Irmã M..., que se prepara para fazer a sua profissão. Ela deseja as orações da vossa santa comunidade, e as vossas em particular. Creio que ela valoriza muito o vosso apoio. Por favor, não a desiludais. Pedi a Deus que ela faça os seus votos unicamente por amor d'Ele e com uma firme resolução de Lhe ser totalmente dedicada. Enviar-vos-ei um desses livros sobre a presença de Deus — assunto que, na minha opinião, contém toda a vida espiritual. Parece-me que quem o pratica devidamente depressa se tornará devoto.

Sei que, para o praticar corretamente, o coração deve estar vazio de todas as outras coisas; porque Deus quer possuir o coração sozinho. E, assim como Ele não o pode possuir sozinho sem o esvaziar de tudo o mais, também não pode agir nele nem fazer o que Lhe apraz, se não o encontrarmos desocupado para Ele. Não há no mundo espécie de vida mais doce e mais deliciosa do que a de uma conversação contínua com Deus. Só a podem compreender aqueles que a praticam e experimentam. Contudo, não vos aconselho a fazê-lo por esse motivo. Não é o prazer que devemos procurar neste exercício. Façamo-lo por um princípio de amor e porque é a vontade de Deus para nós.

Se eu fosse pregador, pregaria acima de todas as coisas a prática da presença de Deus. Se fosse diretor espiritual, recomendaria a todo o mundo que a praticasse, tão necessária a julgo e tão fácil também. Ah! Se ao menos conhecêssemos a necessidade que temos da graça e do auxílio de Deus, nunca O perderíamos de vista, nem por um momento.

Acreditaí-me. Tomai imediatamente uma resolução santa e firme de nunca mais O esquecer. Decidi passar o resto dos vossos dias na Sua sagrada presença, privados de todas as consolações, por amor d'Ele, se assim Ele o entender. Empenhai-vos sinceramente nesta obra e, se o fizerdes de coração, estai seguros de que brevemente vereis os seus frutos.

Ajudar-vos-ei com as minhas orações, pobres como são. Recomendo-me com insistência a vós e aos membros da vossa santa comunidade.

ÍNDICE

SEXTA CARTA

Recebi de M... as coisas que lhe destes para mim. Admira-me que ainda não me tenhais enviado as vossas reflexões sobre o livrinho que vos mandei e que deveis ter recebido. Aplicai-vos com empenho à sua prática na vossa velhice. Mais vale tarde do que nunca.

Não consigo imaginar como pessoas religiosas podem viver satisfeitas sem a prática da presença de Deus. Quanto a mim, mantendo-me retirado com Ele no fundo e no centro da minha alma tanto quanto posso. Enquanto estou com Ele, nada temo; mas o mais pequeno desvio d'Ele é-me insuportável. Esta prática não cansa o corpo. Contudo, é conveniente privá-lo às vezes — e até muitas vezes — de muitos pequenos prazeres que são inocentes e lícitos. Deus não permitirá que uma alma que deseja ser inteiramente consagrada a Ele encontre prazeres noutra coisa que não seja n'Ele. Isso é mais do que razoável.

Não digo que devamos impor-nos qualquer violência. Não. Devemos servir a Deus numa santa liberdade. Devemos trabalhar fielmente, sem inquietação ou perturbação, reconduzindo suavemente e com tranquilidade o nosso espírito para Deus, sempre que o encontrarmos distraído d'Ele. É, porém, necessário colocar toda a nossa confiança em Deus. Devemos pôr de lado todos os outros cuidados e até algumas formas de devoção que, embora muito boas em si mesmas, muitas vezes se tornam rotineiras. Essas devoções são apenas meios para atingir o fim. Uma vez estabelecido o hábito da prática da presença de Deus, estamos então com Ele, que é o nosso fim. Já não precisamos de regressar aos meios. Podemos simplesmente continuar com Ele no nosso comércio de amor, perseverando na Sua santa presença com um ato de louvor, de adoração, de desejo, ou com um ato de aceitação ou de ação de graças, e por todos os modos que o nosso espírito possa inventar.

Não vos deixeis desencorajar pela repugnância que a natureza vos possa causar no início. É preciso sacrificar-nos. De princípio, pensa-se muitas vezes que é uma perda de tempo. Mas é necessário continuar e resolver perseverar até à morte, apesar de todas as dificuldades que possam surgir.

Recomendo-me às orações da vossa santa comunidade, e às vossas em particular. Sou vosso no Senhor.

ÍNDICE

SÉTIMA CARTA

Compadęço-me muito de vós. Será um grande alívio se puderdes deixar o cuidado dos vossos assuntos a M... e passar o resto da vossa vida unicamente a adorar a Deus. Ele não nos exige grandes coisas; apenas uma pequena lembrança d'Ele de vez em quando, uma pequena adoração. Por vezes pedir-Lhe a Sua graça. Outras vezes oferecer-Lhe os vossos sofrimentos. E, por vezes, agradecer-Lhe os favores que vos tem concedido e continua a conceder, mesmo no meio das vossas tribulações. Consolai-vos n'Ele o mais frequentemente que puderdes. Elevai o vosso coração para Ele nas refeições e quando estiverdes em companhia. A mais pequena lembrança será sempre agradável para Ele.

Não é necessário clamar muito alto. Ele está mais perto de nós do que imaginamos. E não precisamos sempre de estar na igreja para estarmos com Deus. Podemos fazer do nosso coração um oratório, para onde, de tempos a tempos, nos recolhamos a conversar com Ele com mansidão, humildade e amor. Todos são capazes de tal conversa familiar com Deus, uns mais, outros menos. Ele sabe aquilo que podemos fazer.

Comecemos então. Talvez Ele espere apenas uma resolução generosa da nossa parte. Tende coragem. Temos pouco tempo para viver. Vós tendes quase sessenta e quatro anos, e eu quase oitenta. Vivamos e morramos com Deus. Os sofrimentos serão doces e agradáveis enquanto estivermos com Ele. Sem Ele, os maiores prazeres serão para nós um cruel castigo. Bendito seja Ele por todos.

Ide habituando-vos gradualmente a adorá-Lo desta maneira; a pedir-Lhe a Sua graça, a oferecer-Lhe o vosso coração de tempos a tempos; no meio dos vossos afazeres, e até a cada momento, se puderdes. Não vos prenda sempre, com escrúpulos, a certas regras ou formas particulares de devoção. Antes, agi na fé, com amor e humildade.

Podeis assegurar a M... das minhas pobres orações, e de que sou servo dela e vosso em particular.

ÍNDICE

OITAVA CARTA

Não me dizes nada de novo. Não és a única pessoa a ser perturbada por pensamentos dispersos. A nossa mente é extremamente volúvel. Mas a vontade é senhora de todas as nossas faculdades. Cabe-lhe recordar os nossos pensamentos errantes e conduzi-los a Deus como seu fim último.

Se a mente não é suficientemente controlada e disciplinada quando começamos a dedicar-nos à oração, contrai certos maus hábitos de divagação e dispersão. Estes são difíceis de superar. A mente pode arrastar-nos, mesmo contra a nossa vontade, para coisas mundanas. Creio que um remédio para isto é confessarmos humildemente as nossas faltas e suplicarmos a misericórdia e a ajuda de Deus.

Não te aconselho a usar muitas palavras na oração. Muitas palavras e longos discursos são frequentemente ocasiões de divagação. Mantém-te em oração diante de Deus como um mendigo mudo ou paralítico à porta de um homem rico. Que o teu trabalho seja conservar a mente na presença do Senhor. Se, por vezes, a tua mente divagar e se afastar d'Ele, não te perturbes. A inquietação e o alvoroço servem mais para distrair a mente do que para a recolher. A vontade deve reconduzi-la com tranquilidade. Se perseverares deste modo, Deus terá compaixão de ti.

Um meio de recolher facilmente a mente no tempo da oração, e de a manter em maior tranquilidade, é não a deixar vaguear demasiado nos outros momentos. Mantém firmemente a tua mente na presença de Deus. Assim, estando habituado a pensar frequentemente n'Ele, acharás fácil manter a mente serena no tempo da oração ou, pelo menos, chamá-la de volta das suas divagações. Já te falei das vantagens que podemos tirar desta prática da presença de Deus. Apliquemo-nos a ela seriamente e oremos uns pelos outros.

ÍNDICE

NONA CARTA

Consideremos frequentemente que o nosso único negócio nesta vida é agradar a Deus, e que talvez tudo o mais não passe de loucura e vaidade. Tu e eu vivemos mais de quarenta anos na vida monástica. Empregámo-los em amar e servir a Deus, que, pela sua misericórdia, nos chamou a este estado e para esse mesmo fim? Fico por vezes cheio de vergonha e confusão quando reflito, por um lado, nos grandes favores que Deus me tem feito e continua a fazer, e, por outro, no mau uso que deles tenho feito e no meu pequeno progresso no caminho da perfeição.

Já que, pela sua misericórdia, Ele nos concede ainda um pouco de tempo, começemos a sério. Reparemos o tempo perdido. Voltemos com plena confiança para esse Pai de misericórdias, que está sempre pronto a receber-nos com afeto. Renunciemos generosamente, por amor d'Ele, a tudo o que não for Ele próprio. Ele merece infinitamente mais. Pensemos n'Ele continuamente. Coloquemos n'Ele toda a nossa confiança.

Não duvido de que em breve receberemos a abundância da sua graça, com a qual podemos tudo, e sem a qual nada podemos senão pecar. Não podemos escapar aos perigos que abundam na vida sem a ajuda atual e contínua de Deus. Supliquemos-Lhe constantemente por essa ajuda.

Como podemos orar-Lhe sem estarmos com Ele? Como podemos estar com Ele senão pensando muitas vezes n'Ele? E como poderemos pensar muitas vezes n'Ele sem formarmos o santo hábito disso? Dir-me-ás que eu digo sempre o mesmo. É verdade, pois este é o melhor e mais fácil método que conheço. Não uso outro. Aconselho toda a gente a fazê-lo.

Precisamos de conhecer antes de podermos amar. Para conhecer a Deus, devemos pensar muitas vezes n'Ele. E, quando chegarmos a amá-Lo, também pensaremos muitas vezes n'Ele, pois o nosso coração estará onde estiver o nosso tesouro.

ÍNDICE

DÉCIMA CARTA

Custou-me bastante decidir-me a escrever a M... Faço-o agora unicamente porque desejas que o faça. Por favor, coloca o endereço e envialha. É consolador ver toda a fé que tens em Deus. Que Ele a aumente cada vez mais em ti. Não podemos ter confiança excessiva num Amigo tão bom e fiel, que nunca nos faltará neste mundo nem no outro.

Se M... tirar bom proveito da perda que sofreu e puser toda a sua confiança em Deus, Ele depressa lhe dará outro amigo mais poderoso e mais disposto a servi-lo. Deus dispõe dos corações como Lhe apraz. Talvez M... estivesse demasiado apegado àquele que perdeu. Devemos amar os nossos amigos, mas sem invadir o amor que é devido a Deus, que deve estar sempre em primeiro lugar.

Lembra-te, peço-te, da minha recomendação: pensa muitas vezes em Deus; de dia, de noite, nos teus trabalhos e até nos teus momentos de recreio. Ele está sempre perto de ti e contigo. Não O deixes sozinho. Considerarias indelicado deixares sozinho um amigo que te viesse visitar. Por que motivo, então, deve Deus ser negligenciado? Não O esqueças, mas pensa n'Ele frequentemente. Adora-O continuamente. Vive e morre com Ele. Esta é a obra gloriosa de um cristão; em suma, esta é a nossa profissão. Se não a conhecemos, precisamos de a aprender.

Esforçar-me-ei por te ajudar com as minhas orações e sou teu no Senhor.

ÍNDICE

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

Não peço que sejas libertado das tuas dores; mas peço com insistência que Deus te dê força e paciência para as suportares enquanto Lhe aprouver. Consola-te n'Aquele que te mantém preso à cruz. Ele soltar-te-á quando julgar oportuno. Felizes os que sofrem com Ele. Habitua-te a sofrer assim e pede-Lhe a força para suportar tanto quanto, e pelo tempo que Ele considerar necessário para ti.

As pessoas mundanas não compreendem estas verdades. Não é de admirar, pois sofrem como aquilo que são, e não como cristãos. Vêem a doença como um sofrimento contrário à natureza e não como um dom de Deus. Considerando-a apenas dessa maneira, nada encontram nela senão aflição e angústia. Mas aqueles que consideram a doença como vinda da mão de Deus, fruto da sua misericórdia e meio que Ele usa para a sua salvação, encontram nela, geralmente, doçura e consolação.

Rogo para que vejas que Deus está muitas vezes mais perto de nós, e mais presente dentro de nós, durante a doença do que na saúde. Não confies inteiramente noutro médico, porque Ele reserva para Si a tua cura. Coloca toda a tua confiança em Deus. Em breve verás os efeitos disso na tua recuperação, que muitas vezes retardamos por colocarmos mais fé na medicina do que em Deus. Quaisquer remédios que uses só terão êxito na medida em que Ele permitir. Quando as dores vêm de Deus, só Ele as pode curar em definitivo. Frequentemente envia doenças ao corpo para curar enfermidades da alma. Consola-te com o Soberano Médico da alma e do corpo.

Imagino que dirás que estou muito confortável, e que como e bebo à mesa do Senhor. Tens razão. Mas pensa quão doloroso seria para o maior criminoso do mundo sentar-se à mesa do rei e ser servido por ele, sem ter a garantia do perdão! Creio que sentiria uma ansiedade que nada poderia acalmar, exceto a sua confiança na bondade do soberano. Assim te asseguro que, quaisquer que sejam os prazeres que saboreio à mesa do meu Rei, os meus pecados — sempre presentes diante de mim — e a incerteza do meu perdão atormentam-me. Contudo, aceito esse tormento como algo agradável a Deus.

Contenta-te com a condição em que Deus te coloca. Por mais feliz que me julgues, invejo-te. A dor e o sofrimento seriam para mim um paraíso, se pudesse sofrer com o meu Deus. Os maiores prazeres seriam um inferno, se os desfrutasse sem Ele. A minha única consolação seria sofrer algo por amor d'Ele.

Dentro de pouco tempo devo ir para Deus. O que me consola nesta vida é que agora O vejo pela fé. Vejo-O de tal modo que, por vezes, digo: já não creio, mas vejo. Sinto aquilo que a fé nos ensina e, nessa certeza e prática da fé, vivo e morro com Ele.

Permanece sempre com Deus, pois Ele é o único apoio e conforto para a tua aflição. Rogarei a Ele que esteja contigo. Apresento-te o meu serviço.

ÍNDICE

DÉCIMA SEGUNDA CARTA

Se estivéssemos bem habituados à prática da presença de Deus, os incômodos corporais seriam grandemente aliviados. Deus permite muitas vezes que soframos um pouco para purificar as nossas almas e obrigar-nos a permanecer perto d'Ele.

Coragem. Oferece-Lhe a tua dor e pede-Lhe força para a suportares. Acima de tudo, cria o hábito de pensar frequentemente em Deus e de O esqueceres o menos possível. Adora-O nas tuas enfermidades. Oferece-te a Ele de tempos a tempos. E, no auge dos teus sofrimentos, suplica-Lhe humilde e afetuosaamente (como uma criança a seu pai) que te torne conforme à sua santa vontade. Procurarei ajudar-te com as minhas pobres orações.

Deus tem muitos modos de nos atrair a Si. Por vezes parece esconder-Se de nós. Mas só a fé deve ser o nosso apoio. A fé é o fundamento da nossa confiança. Devemos colocar toda a nossa fé em Deus. Ele não nos faltará na hora da necessidade. Não sei como Deus disporá de mim, mas estou sempre feliz. Todo o mundo sofre, e eu, que mereço a disciplina mais severa, sinto alegrias tão contínuas e tão grandes que mal as consigo conter.

Pediria de bom grado a Deus uma parte dos teus sofrimentos. Sei que a minha fraqueza é tão grande que, se Ele me deixasse um só momento entregue a mim próprio, seria o mais miserável dos homens. E, no entanto, não sei como Ele poderia deixar-me sozinho, porque a fé dá-me uma convicção tão forte como a razão: Ele nunca nos abandona até que sejamos nós a abandoná-Lo primeiro. Temamos deixá-Lo. Permaneçamos sempre com Ele. Vivamos e morramos na Sua presença. Reza por mim, como eu rezo por ti.

ÍNDICE

DÉCIMA TERCEIRA CARTA

Lamento ver-te sofrer por tanto tempo. O que me dá algum alívio e adoça o sentimento que tenho pelas tuas dores é que elas são prova do amor de Deus por ti. Considera as tuas dores sob essa luz e suportá-las-ás mais facilmente. No teu caso, parece-me que, neste momento, deverias abandonar os remédios humanos e entregar-te inteiramente à providência de Deus. Talvez Ele espere apenas essa entrega e essa fé perfeita n'Ele para te curar. Uma vez que, apesar de todos os cuidados que tens tido, o tratamento não surtiu efeito e o teu mal continua a agravar-se, não esperes mais. Entrega-te totalmente nas suas mãos e espera tudo d'Ele.

Disse-te na minha última carta que Ele permite por vezes incômodos corporais para curar os males da alma. Coragem. Faz de necessidade virtude. Não peças a Deus para te libertar da dor. Pelo contrário, por amor d'Ele, pede-Lhe a força para suportar com firmeza tudo quanto Ele quiser, e pelo tempo que Ele quiser. Estas orações são difíceis no início, mas são muito agradáveis a Deus e tornam-se doces para aqueles que O amam.

O amor adoça as dores. E quando se ama a Deus, sofre-se por Ele com alegria e coragem. Faz assim, peço-te. Consola-te n'Ele. Ele é o único médico para todas as nossas enfermidades. É o Pai dos aflitos e está sempre pronto a ajudar-nos. Ama-nos infinitamente mais do que podemos imaginar. Ama-O também e não procures consolação noutro lugar. Espero que recebas em breve o Seu conforto. Adeus.

Ajudar-te-ei com as minhas orações, por pobres que sejam, e serei sempre teu no Senhor.

ÍNDICE

DÉCIMA QUARTA CARTA

Dou graças ao nosso Senhor por te ter aliviado um pouco, conforme desejas. Muitas vezes estive perto da morte e nunca estive tão satisfeito como então. Nesses momentos, não pedia qualquer alívio, mas pedia força para sofrer com coragem, humildade e amor. Como é doce sofrer com Deus! Por maiores que sejam os teus sofrimentos, recebe-os com amor. Sofrer e estar com Ele é um paraíso. Se, nesta vida, quisermos gozar a paz do paraíso, devemos habituar-nos a uma conversação familiar, humilde e afetuosa com Deus.

Devemos impedir que o espírito se afaste d'Ele em qualquer ocasião. Devemos fazer do nosso coração um templo espiritual, para que O possamos adorar continuamente. Devemos vigiar sem cessar sobre nós próprios, a fim de não fazermos nada que Lhe possa desagradar. Quando a nossa mente e o nosso coração estão cheios de Deus, o sofrimento torna-se cheio de unção e de consolação.

Bem sei que, para chegar a este estado, o início é muito difícil, porque temos de agir unicamente pela fé. Mas, embora seja difícil, sabemos também que podemos tudo com a graça de Deus. Ele nunca recusa àqueles que pedem com insistência. Bate. Persevera em bater. E respondo por isso: no tempo oportuno, Ele abrir-te-á as suas graças. Conceder-te-á, de uma só vez, aquilo que há muitos anos adia. Adeus.

Roga-Lhe por mim, como eu Lhe rogo por ti. Espero vê-Lo em breve.

ÍNDICE

DÉCIMA QUINTA CARTA

Deus sabe melhor do que nós aquilo de que precisamos. Tudo o que Ele faz é para o nosso bem. Se soubéssemos quanto Ele nos ama, estaríamos sempre prontos a receber tanto o amargo como o doce da sua mão. Não faria diferença: tudo o que viesse d'Ele seria agradável. As piores aflições só parecem intoleráveis quando as vemos sob uma luz errada. Quando as vemos como vindas da mão de Deus e reconhecemos que é o nosso Pai amoroso quem nos humilha e aflige, os nossos sofrimentos perdem a sua amargura e podem até tornar-se fonte de consolação.

Que todos os nossos esforços sejam para conhecer a Deus. Quanto mais O conhecemos, mais desejamos conhecê-Lo. O conhecimento é geralmente a medida do amor. Quanto mais profundo e vasto é o nosso conhecimento, maior é o nosso amor. Se o nosso amor por Deus fosse grande, amá-Lo-íamos igualmente na dor e no prazer.

Enganamo-nos a nós próprios quando procuramos ou amamos a Deus pelos favores que Ele nos concede ou possa vir a conceder. Tais favores, por maiores que sejam, nunca nos podem aproximar tanto de Deus como um simples ato de fé. Procuremo-Lo muitas vezes pela fé. Ele está dentro de nós. Não O procuremos noutro lugar.

Não seremos grosseiros e culpáveis se O deixarmos sozinho para nos ocuparmos com ninharias que não Lhe agradam e talvez até O ofendam? Essas ninharias podem um dia custar-nos caro. Comecemos seriamente a dedicar-nos a Ele. Lancemos fora do coração tudo o que não for Ele. Ele quer possuir sozinho o nosso coração. Peçamos-Lhe esta graça. Se fizermos tudo o que pudermos, veremos em breve operar-se em nós essa mudança que tanto desejamos.

Não posso agradecer-Lhe o suficiente pelo alívio que te concedeu. *Esperovê-Lo dentro de poucos dias.* Oremos um pelo outro.



O irmão Lourenço morreu pacificamente poucos dias depois desta última carta.

ÍNDICE